

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

BNCC 

LINGUAGENS



Para que possa ser vislumbrado um futuro próspero, é preciso que os problemas sociais atuais sejam resolvidos. Nesse sentido, surge o movimento afrofuturista, que propõe o resgate e a valorização do passado africano de pioneirismo em ciência, arte, tecnologia, espiritualidade e literatura para solucionar questões do presente e construir um futuro inclusivo, igualitário e harmônico.



Afrofuturismo resgata o protagonismo negro no Brasil racista

Trazer novas narrativas carregadas de ancestralidade fortalece o movimento negro e resguarda, inclusive, a sua existência. Para se perpetuar no tempo e no espaço, o afrofuturismo se coloca como um mecanismo de avanço contra o apagamento racista da memória, a favor do protagonismo e da representatividade nas mais diversas áreas de atuação: política, moda, arte, música, dança, cinema, literatura, ciência, tecnologia e pesquisas acadêmicas.

Complexo, o movimento trabalha para o resgate da história, ao mesmo tempo que adiciona camadas de inovação, centradas nas origens africanas. É também um exercício de imaginação carregado de simbologias estéticas, mas mais do que isso, extrapola a linha da fantasia e se consolida de modo palpável aos olhos do público.

A África Oriental é considerada o lugar onde tudo começou, o berço da civilização. Embora contestados ao longo do tempo, estudos científicos comprovam a teoria por meio do surgimento do homem no continente, há cerca de 3 milhões de anos, e de ferramentas históricas sofisticadas, encontradas em sítios arqueológicos do território africano. Fato é que, desde sempre, desenvolve-se ali um conhecimento empírico, pautado por grupos étnicos diversos, tornando-a matriz de diversas tecnologias. A arquitetura, a matemática e a astronomia são outras áreas com colaborações africanas para a humanidade.

Não é possível
vislumbrar um futuro
sem a valorização
cultural no presente.





Na arte corporal,
exaltação da beleza dos
traços herdados dos
ancestrais.

“O afrofuturismo se propõe a fazer um exercício denominado pelo povo Akan como Sankofa: retornar ao passado para buscar aquilo que é importante na construção do futuro. É essencialmente pautado pela recuperação de saberes, conhecimentos e referências ancestrais para dialogar com a realidade presente focado na construção de um futuro com possibilidades de existência”, define Morena Mariah, criadora de conteúdo no Afrofuturo, organização que quer tornar o exercício de imaginação fantástica numa metodologia de ensino a ser inserida nas escolas. “Sankofa é representado por um pássaro africano de duas cabeças que, segundo a filosofia, simboliza algo como voltar ao passado para ressignificar o presente” completa a pesquisadora e cozinheira etnogastrônoma Leila “Negalaize” Lopes.

[...]

Trazendo a discussão de forma mais contemporânea, o filme “Pantera Negra”, baseado nas histórias em quadrinhos da Marvel, de 1966, consagrou de vez todas as referências, caindo no gosto do público e da crítica. Carregado de tecnologia avançada, personagens negros protagonizando uma história heroica e elementos estéticos afrocentrados, o longa levou diversos prêmios, como estatuetas do Oscar para Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte e Melhor Trilha Sonora Original em 2019. Aparentemente, as coisas nunca mais serão as mesmas.

Erykah Badu, Solange Knowles e Janelle Monáe são algumas das artistas gringas que, de alguma forma, sempre se colocaram à frente de seu tempo, popularizando as influências afrofuturistas a partir de como se colocam diante de suas carreiras, dos looks às vertentes ideológicas, sempre carregadas pela valorização do que pertence ao povo negro. Nos Estados Unidos, a bandeira recentemente foi ainda mais erguida pelo Afropunk, um festival de música alternativa, marcado por inúmeras nuances afrofuturistas e *cyberpunks*, que ganhou proporções globais, mesmo sem nunca cruzar o oceano. Serve de espelho para a juventude em busca da construção de sua autoestima e liberdade para ser quem quiser ser.

No Brasil

No país onde o genocídio negro e o racismo estrutural latente parecem não dar uma trégua, a boa notícia é que os meios de ativismo e resistência seguem numa corrente de força cada vez mais consolidada. Por conta de ferramentas afrofuturistas, encontra meios diferentes de se fazer presente, tanto nas ruas, nos palcos e no meio acadêmico, quanto no consciente coletivo. A soma dos fatores leva ao rompimento da estruturação social excludente e violenta do país. Esse é o desejo coletivo que alimenta as narrativas especulativas propostas pelo movimento, na luta contra as atuais estatísticas.

Em terras brasileiras, o movimento segue tímido, mas ativo e com bastante potencial pela frente. No cinema, o filme “Branco Sai, Preto Fica” (2015), de Adirley Queirós, já se tornou um clássico nacional nestes termos. Na literatura, o escritor Fábio Kabral trouxe ao mundo o livro “O Caçador Cibernético da Rua Treze”, história [que se passa em um mundo utópico], protagonizada por um caçador negro, que imagina uma tecnologia movida a entidades espirituais, ressaltando a mitologia africana. Há também Ale Santos, que foca suas energias em pesquisas e escrita de histórias africanas através do perfil Savagefiction, no Twitter.

Na música, exemplos como Carlinhos Brown, Ellen Oléria, Rico Dalasam, Karol Conká, Xênia França, Jonathan Ferr, Caio Nunez e As Bahias e A Cozinha Mineira bebem dessa fonte. Já os grupos Senzala Hi-Tech, Mariwô e Das Pretas atuam em diferentes plataformas, da fotografia ao audiovisual, passando pelo empreendedorismo, a moda e a tecnologia.

[...]

Na gastronomia, os brasileiros sempre se destacaram, mas teimam em se esquecer das origens indígenas e africanas temperando a comida. Leila Lopes, proprietária de um bistrô, afirma que até hoje vários *chefs* conceituados buscam inspirações na culinária quilombola, indígena, ribeirinha e popular, sem citar suas fontes. [...]

Ela criou um conceito de etnogastronomia, que estuda a cozinha étnica e também a aplicação dos saberes antepassados, como o de ouvir a natureza por meio da espiritualidade. Hoje, isso pode ser feito através do Arduino, prototipagem eletrônica aplicada, por exemplo, à leitura da energia e sentimentos das plantas. “Identifiquei que afrofuturismo também tem esta vertente na cozinha. Com a tecnologia, é possível unir o saber ancestral do povo negro em relação ao poder do alimento preparado, agradando sempre que possível a energia que a pessoa carrega em si, seja a de nascença, Orixá, ou a que ela está passando no dia.”

[...]

E por que é tão fundamental aprender sobre tudo isso? Para que a história pós-colonialismo não se repita nunca mais. As perspectivas de futuro ajudam a educar as crianças, especialmente as negras, que precisam ter orgulho do passado para projetar o amanhã sem interferências eurocentradas ou impostas por pessoas brancas de classe dominante.

Morena recorda que, a partir de um vídeo da escritora Ytasha Womack falando sobre sua experiência de futuro especulativo negro numa escola, despertou seu interesse em desenvolver um projeto de conteúdos educacionais. “Iniciei uma escrita voltada a contar trajetórias de negro-africanos que mudaram a história do mundo e foram



invisibilizados pela historiografia tradicional ou a recontar essas histórias a partir da afroperspectiva. Agora estou expandindo a ideia como metodologia de criação e educação.”

Além de alimentar as bases educacionais, é também imprescindível trabalhar em cima do autoconhecimento para a visualização de um futuro afrocentrado saudável. “É uma educação emocional que a gente não tem em casa, nem na escola. Não estudamos quem nós somos para

As futuras gerações precisam amar quem são e, acima de tudo, respeitar todas as formas de existir no mundo.

desenvolver o nosso ‘eu’, sem estar pautado no que a família quer. Através de uma autoconsciência espiritual, independente de religião, se abrem muitos caminhos para a pessoa conseguir se compreender a partir de sua própria ótica interna.”

De variadas formas, a sociedade tentou e ainda tenta extinguir o empoderamento dos povos negros que, no final das contas, está presente no embrião da Terra. O manto africano que cobre o mundo tem poderes especiais, de fato. Ele se regenera como poucos, torna-se mais forte, alcança distâncias mais brandas, permeando territórios diversos, colorindo o infinito. Mesmo em momentos de desamparo, é preciso sim vislumbrar o futuro, olhar o céu noturno e enxergar o brilho das estrelas, que nunca desaparecem, reluzem mesmo diante de tantas guerras galácticas.

A ficção é uma forma de tornar o afrofuturo realidade, criando esperança de que algum dia se concretize.

NUNES, Brunella. Afrofuturismo resgata o protagonismo negro no Brasil racista. **Universa**, 2 mar. 2019. Disponível em: <www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/02/afrofuturismo-resgata-o-protagonismo-negro-no-brasil-racista.htm>. Acesso em: 15 abr. 2020.



> Movimento estético multifacetado, afrofuturismo busca “ocupar o futuro”

[...]

A projeção de possibilidades tecnofuturísticas a partir de uma matriz africana pós-diáspora negra que deriva dessa história não é exclusiva da imaginação de Sun Ra. Uma outra base fundamental das estéticas afrofuturistas é a obra de Octavia Butler. Filha de uma doméstica e de um engraxate, Butler notabilizou-se por integrar em sua escrita uma crítica à problemática de negros e negras a roteiros nos quais ficção científica, fantasia e realismo mágico servem de anteparo lúdico a uma crítica à discriminação racial.

[...]

Ocupar o futuro

O que Butler e outros afrofuturistas propõem, assim, não é fácil: uma reapropriação do futuro, uma recontagem do futuro e de suas narrativas possíveis e fantásticas. Não é somente o passado que pode se apresentar como uma roupa que não nos serve mais – também o futuro desenhado, programado, imaginado e desejado de uma certa forma pode ficar gasto, surrado e, em última instância, inviável. Talvez não seja casual, aliás, que os cenários distópicos sejam tão presentes na narrativa predominante: conduzida por uma lógica [moderna] que vê a natureza como objeto a ser dominado para produzir, o futuro se apresenta como um destino grávido de ameaças: guerras por recursos ou travadas contra máquinas; epidemias geradas por vírus recombinantes; disputas com inteligências artificiais; catástrofes climáticas.

A narrativa hegemônica desse futuro – suas cidades, suas tecnologias, as relações sociais, o corpo e a descorporificação da imaginação – é predominantemente ocidental. Mais ainda: foi escrita por homens brancos integrantes de extratos de classe econômica superior.

A reocupação a que as narrativas futurísticas de autores como Octavia Butler e Samuel Delany se propõem é uma religação com mitologias e valores nos quais a natureza não é mero objeto de expropriação e exploração. Em termos sociológicos, trata-se de uma disposição por descolonizar o futuro.

Conheça a arte musical de Sun Ra.



<https://ftd.li/d4gp8g>

Sun Ra, nome artístico de Herman Poole Blount, é jazzista e considerado por muitos filósofo cósmico. Afrofuturista pioneiro no mundo, cujos trabalhos datam da década de 1960, quanto era estudante de música, na década de 1930, teve uma experiência alucinatória na qual dialogava com seres extraterrestres na superfície de Saturno e lá presenciou um futuro profético para a humanidade.



Essa disposição é evidente na literatura afrofuturista – além dos já citados, é possível ainda lembrar de Nnedi Okorafor, Kodwo Eshun, John M. Faucette, Nalo Hopkinson, Alondra Nelson, Ishmael Reed, entre muitos outros.

[...]

Uma questão se impõe para o contexto brasileiro: considerando que somos o país com a maior população negra fora do continente africano (cerca de 106 milhões de pessoas, segundo o Censo 2010, ou 53% da população), qual a relevância ou utilidade que o afrofuturismo tem para as populações afrodescendentes ao sul do Equador?

O contexto implica ainda que os brasileiros negros com idades entre 12 e 18 anos têm três vezes mais chances de serem mortos do que pessoas brancas na mesma faixa etária. Esses dados da Unicef se somam a algumas conclusões do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que indicam que quase 70% das vítimas de homicídio são negros.

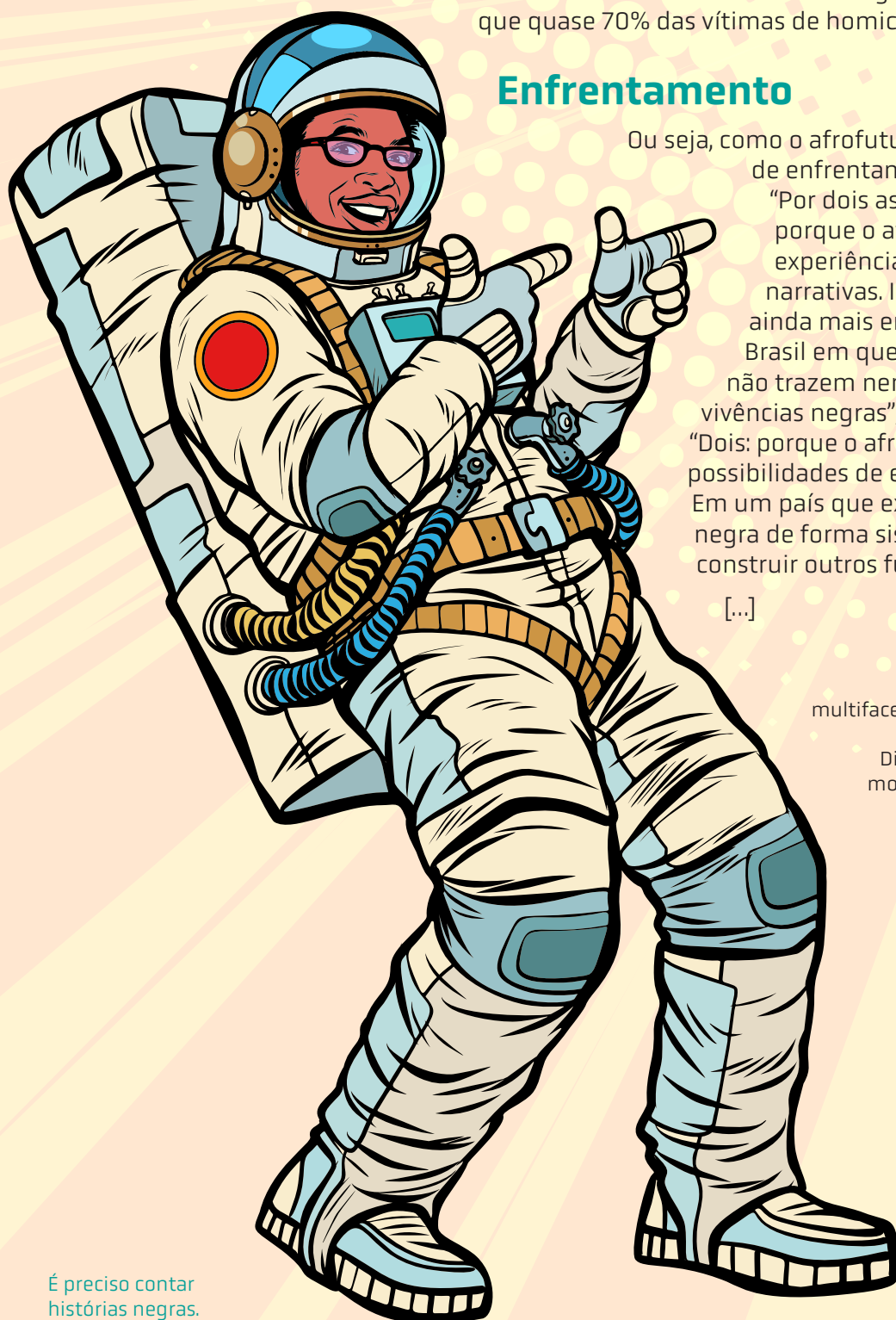
Enfrentamento

Ou seja, como o afrofuturismo serve ao contexto de enfrentamento ao racismo no Brasil?

“Por dois aspectos importantes. Um: porque o afrofuturismo coloca a experiência negra como central nas narrativas. Isso tem um efeito potente, ainda mais em um país racista como o Brasil em que grande parte das narrativas não trazem nenhuma participação das vivências negras”, responde Kênia Freitas. “Dois: porque o afrofuturismo imagina outras possibilidades de existência para nós negros. Em um país que exclui e mata a juventude negra de forma sistemática, imaginar e construir outros futuros é urgente.”

[...]

PINTO, Lula. Movimento estético multifacetado, afrofuturismo busca “ocupar o futuro”. **Com Ciência**, 9 jul. 2017. Disponível em: <www.comciencia.br/movimento-estetico-multifacetado-afrofuturismo-busca-ocupar-o-futuro>. Acesso em: 15 abr. 2020.



É preciso contar histórias negras.



Afrofuturismo e perspectivismo ameríndio: duas ferramentas para um pensamento decolonial

[...]

Ao decidir apropriar-se do afrofuturismo como prática **decolonizadora**, parece, portanto, desejável levantar algumas reflexões críticas sobre questões que parecem vir juntas ao seu uso: o aniquilamento das múltiplas contemporaneidades das sociedades africanas; o sentido do resgate da ancestralidade que, por além de um *slogan*, parece na verdade ser reduzida a um discurso nativista; a relação com a ideia de tempo e múltiplas modernidades.

O Wall Street Journal, num artigo publicado em março de 2019 ao comentar um desastre aéreo acontecido em Adis Abeba, Etiópia, intitula: “Acidente aéreo mata 157 pessoas na África”. [...] A visão de uma África unida, muitas vezes idealizada através do **pan-africanismo** como um dos paradigmas político-intelectuais que dominaram o discurso africano pós-movimento independentista (‘60/’70), continua se refletindo também nas produções ditas decoloniais e requer urgentemente ser atualizada. Essa falta de vontade de entender o continente africano como uma união de estados individuais, com histórias e realidades próprias, que vive na nossa mesma contemporaneidade, corresponde à necessidade da criação de figuras heroicas – uns líderes – e de manter uma visão romantizada da África, especialmente em relação à luta de independência e afirmação do movimento negro. A reprodução dessa distância, entre a vida real das sociedades africanas contemporâneas e uma história heroica, condena o continente a viver no tempo passado, tirando-lhe a possibilidade de pertencer ao “mundo moderno”.

[...]

Para concluir, essa visão da unidade africana pode também remeter a uma organização tribal da África, equilibrando-se entre duas arriscadas posições, dependendo da ênfase que o observador quer propor sobre o continente: o romantismo de uma comunidade aonde “não há mal, e todos são irmãos e irmãs” (que chega à sua distopia máxima na *rainbow nation* sul-africana); e o primitivismo de um lugar de graves conflitos internos e genocídios. Estamos perto da representação das favelas cariocas: entre comunidade solidária de vida em comum, e bandidagem marginal sanguinária. A falta de aprofundamento das realidades contemporâneas do continente acaba assim implicitamente engessando a África e

Decolonização:

linha de pensamento que visa transcender por completo a ideia de colonialidade e suas ramificações que ainda operam na sociedade (não confundir com “descolonização”, com “s”, que visa apenas a superação do colonialismo, como uma sucessão, e não como um rompimento).

Pan-africanismo:

movimento que intenciona lutar contra o racismo no mundo por meio da união e da solidariedade entre os povos de todos os países do continente africano.

A obra **África
alo-histórica**,
trabalho
cartográfico do
do sueco Nikolaj
Cyon, usou fontes
históricas para
projetar como
seria o continente
africano sem
a colonização
europeia.



<http://ftd.li/rq5g3v>

excluindo-a de uma reflexão contemporânea sobre cultura, economia e democracia que a inclua como sujeito ativo da conversa. [...]

[...] A partir dessa observação, a difusão do termo afrofuturismo nos impõe um questionamento sobre o funcionamento e a repetição de formas de poderes que agem na produção cultural e que, dentro do mercado da indústria cultural da qual a arte faz parte, parecem reproduzir antigas dominações coloniais. A virada reantropofágica índio-quilombola brasileira nas artes – e na produção de conhecimento – já não entendida como reapropriação, mas como “posse” que qualifica a singularidade e unicidade dessa produção brasileira, indo além de qualquer referência, seria – a meu ver – uma ferramenta de ação radical de mudança dessas relações de poder. No manifesto antropofágico [de Oswald de Andrade,] diz-se “[...] Queremos a Revolução Caraíba maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...] Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. [...] O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo”. Se em 1928 o “nascimento da lógica entre nós” se refere à recusa de uma visão unívoca positivista europeia, baseada na divisão entre homem e natureza, gostaria de lê-la no contexto contemporâneo como uma urgente chamada a que “outras” lógicas subvertam a lógica única a que o iluminismo europeu nos mantém todo/as – branco/as e preto/as – prisioneiro/as. [...]

BUROCCO, Laura. Afrofuturismo e perspectivismo ameríndio: duas ferramentas para um pensamento decolonial. **Buala**, 2 jul. 2019. Disponível em: <www.buala.org/pt/a-ler/afrofuturismo-e-perspectivismo-ameri-ndio-duas-ferramentas-para-um-pensamento-decolonial>. Acesso em: 20 abr. 2020.





Afrofuturismo

Uma narrativa afrofuturista

“Eita, gente. Será que eu tô encrencada...?”

Ver-se cercada por trinta soldados armados no topo do prédio não era bem o que Nina Onixé tinha em mente. A jovem levantou os dois braços para o alto e tentou trocar uma ideia.

“Meu pai Ogum... Cês tão muito estressados! A gente podia tomar umas no bar, que que cês acham?”

“Chega de gracinhas”, disse a comandante da tropa. Ela voava com uma mochila telecinética; “melhor devolver o arquivo que você roubou, ou vai encontrar seus ancestrais mais cedo...”

Nina sabia que não ia se safar dessa só na conversa, mas precisava ganhar tempo; ela continuou falando bobagens para a capitã da tropa, até irritá-la de verdade; os soldados então foram ordenados a atirar, e disparos de energia psíquica saltaram de seus rifles; Nina aproveitou a deixa para soltar do alto do arranha-céu... e utilizou seus dons sobrenaturais, que herdou de seu pai Ogum, para controlar a mochila telecinética da capitã; em questão de segundos, a mochila disparou para as costas da Nina, e a jovem revolucionária saiu voando pelos céus de Ketu Três, deixando para trás os palavrões da capitã e sua tropa.

Sem o passado, não
há futuro possível.



Um mundo afrofuturista

Tudo começa com uma história.

Era uma vez uma jovem chamada Nina Onixé. Ela mora em uma metrópole chamada Ketu Três, lar do povo melaninado, filhos dos Orixás; Ketu Três é repleta de arranha-céus, carros voadores, parques florestais e terreiros corporativos, e é governada por sacerdotisas-empresárias com poderes paranormais e tecnologias fantásticas movidas a fantasmas. Filha do orixá Ogum, Nina é uma jovem cientista que cria artefatos sobrenaturais de alta tecnologia, e possui superpoderes de controle sobre as máquinas. Ela também é uma das líderes do grupo Ixoté, organização clandestina que pretende derrubar a elite psíquica da metrópole e trazer mais igualdade entre as pessoas. Nina luta pelo que acredita por todos os meios necessários, e é uma heroína de um mundo afrofuturista. Como escritor, para mim a melhor forma de definir as coisas é a partir de uma história.

O que é o afrofuturismo?

“Esse movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da nossa própria ótica, para mim, é a própria definição de Afrofuturismo.”

Foi desse jeito que eu defini o afrofuturismo quando eu mal sabia o que significava. Quando me deparei com essa palavra, em vez de pensar “o que é isso?”, pensei “que novas narrativas eu poderia criar com base nessa palavra?”. E foi assim que comecei a escrever um livro chamado **O caçador cibernético da Rua 13**, no qual a personagem Nina Onixé surgiu pela primeira vez.

Surgido a partir da música, da arte e da literatura, o afrofuturismo é um movimento cultural, estético, narrativo e filosófico que explora temas pertinentes à diáspora africana por meio de narrativas de ficção especulativa, com base na perspectiva e necessário protagonismo de personagens e autores negros.

Apesar de existir desde a década de 1950 nos Estados Unidos, e de só ser nomeado como afrofuturismo na década 1990, somente nos últimos tempos o movimento vem ganhando força no Brasil, graças ao sucesso do filme **Pantera Negra**.

Eu, pessoalmente, também gosto de definir o afrofuturismo como um resgate natural do passado africano de pioneirismo na ciência, arte, tecnologia, espiritualidade e literatura, pensando na declaração do cientista senegalês Cheikh Anta Diop: “A ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia, a astronomia e a arte civilizada surgiram primeiro no Vale do Nilo, criadas por negros africanos”.



O movimento foi assim nomeado em um texto de Mark Dery, “Black to the Future” (1993), no qual o autor conversa com os afro-americanos Samuel R. Delany (escritor de ficção especulativa), Greg Tate (crítico musical) e Tricia Rose (professora da Universidade de Brown). Dery, que é um homem branco, questionou a escassez de escritores afro-americanos produzindo ficção científica; ele então definiu afrofuturismo como “ficção especulativa que trata de temas afro-americanos e lida com preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século XX”.

Após ser nomeado por Dery somente em 1993, o afrofuturismo passou a ser mais elaborado e discutido a partir do ensaio “Future Texts” (2002), da escritora afro-americana Alondra Nelson, pioneira da teoria social sobre o afrofuturismo. “A negritude é construída como sempre de oposição às crônicas de progresso tecnologicamente orientadas”, diz Nelson em seus estudos.

Antes de ser nomeado por Dery em 1993, o afrofuturismo nasceu na década de 1950, graças ao trabalho de Sun Ra.

Sun Ra (1914–1993) foi um compositor de *jazz*, pianista e poeta, conhecido por sua música experimental, sua filosofia cósmica, *performances* teatrais e produções cinematográficas. Pioneiro do afrofuturismo, Sun Ra alegava ser um alienígena de Saturno em missão de levar o povo negro para o espaço. A partir da obra de Ra e de seus contemporâneos Lee “Scratch” Perry e George Clinton (Parliament, Funkadelic), com sua mescla de música, cosmologia e ancestralidade africana, foram surgindo mais músicos e bandas de orientação afrofuturista.

Na literatura, uma das primeiras escritoras a ser associada ao movimento foi a afro-americana Octavia Butler (1947–2006). Butler começou a publicar seus primeiros livros no final da década de 1970 e, no final da década seguinte, se tornou bem-sucedida como autora e passou a escrever em tempo integral. Seus livros e contos chamaram a atenção do público e da crítica especializada e recebeu vários prêmios, tendo publicado 15 livros.

AFROCENTRICIDADE

Trata-se da autoconscientização de pessoas africanas como sujeitos e agentes atuando sobre sua própria imagem cultural, de acordo com seus próprios interesses humanos, conceito criado por Molefi K. Asante. Para mim, pensando nas minhas próprias obras, o afrofuturismo só faz sentido se tiver os imaginários, cosmologias, culturas, espiritualidades e perspectivas africanos e/ou afro-diaspóricos como centro do universo narrativo.

PROTAGONISMO DE PERSONAGENS NEGRAS

“Representatividade” é importante e a falta desta é um dos fatores que ocasionou a criação do afrofuturismo; porém, essa característica se propõe ir além disso; não é só inserir mais atores negros numa narrativa de ficção e sim ter personagens negras e suas experiências como centro da história.

O que define uma obra como afrofuturista?

Com base nos questionamentos da filósofa Karolina Desireé, essas quatro características podem ser consideradas fundamentais para uma narrativa afrofuturista:

AUTORIA NEGRA

O afrofuturismo nasce da ação e experimentação de artistas negros na intenção de contarem suas próprias narrativas com base em seu próprio ponto de vista. Se o afrofuturismo é um movimento no qual as histórias são narradas a partir da perspectiva negra, então não faz sentido nenhuma narrativa afrofuturista que não seja de autoria negra.

NARRATIVA DE FICÇÃO ESPECULATIVA

O afrofuturismo nasce das perspectivas e experimentações de artistas negros em cima dos gêneros de fantasia e ficção científica, como podemos conferir na mitologia cósmica de Sun Ra e no *funk* espacial de George Clinton. O afrofuturismo essencialmente é um movimento cultural pautado nos imaginários típicos das ficções fantástica e científica.



Qual a importância do afrofuturismo hoje?

Visto que vivemos em um mundo estruturado pelo racismo, que nega a contribuição africana para o mundo e que nega o próprio sujeito negro no mundo, o afrofuturismo se estrutura para suprir essa ausência e para tornar o sujeito negro o centro do seu próprio mundo. A fantasia e a ficção científica, apesar de serem gêneros que supostamente prezam pela experimentação e imaginação, acabam sempre contando as mesmas histórias, protagonizadas pelas mesmas personagens da mesma cor, gênero e orientação sexual, com base nos mesmos imaginários, mitologias e cosmovisões.

O escritor ganês Kodwo Eshun diz que em um mundo que implícita ou explicitamente exclui a pessoa africana da sua projeção de futuro hegemônica, o afrofuturismo possui o papel fundamental de reorientar a pessoa negra na criação do seu próprio futuro, com base em sua própria ótica. Alondra Nelson destaca que a questão do “outro alienígena” é um tema frequentemente explorado no afrofuturismo em virtude do sequestro de pessoas africanas para este lugar que não nos contempla; ela também diz que, nas histórias criadas em um contexto eurocêntrico, nunca associam a pessoa africana à ideia de tecnologia e progresso, e que as discussões em torno de raça, mesmo com as “melhores intenções”, muitas vezes acabam reforçando o que chama de “fosso digital”.

Dessa forma, a temática afrofuturista surge como um convite para a criação de narrativas afro-inspiradas em todas as esferas possíveis. No contexto do afro-Brasil, tal necessidade se torna ainda mais urgente, tamanha a carência de visões e narrativas nas quais os afrodescendentes sequer existam, pelo menos para além de estereótipos ambulantes. “Nós precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo precisa mais do que a maioria. Só tendo imagens nítidas e vitais das muitas alternativas, boas e ruins, de onde se pode ir, teremos qualquer controle sobre a maneira de como chegaremos lá”, disse o escritor Samuel Delany. Essa “necessidade de imagens do amanhã”, conforme Delany salientou, trouxe naturalmente para mim a personagem Nina Onixé e todo o seu universo. Isso, para mim, é a própria definição de afrofuturismo.



◀ **Fábio Kabral** é escritor, autor dos romances **Ritos de passagem** (Giostri, 2014), **O caçador cibernético da Rua 13** (Malê, 2017) e **A cientista guerreira do facão furioso** (Malê, 2019). Escreve artigos e ensaios sobre afrofuturismo publicados em livros, revistas, reportagens, jornais e *blogs*. Debate sobre afrofuturismo e afrocentricidade, mitologia e ancestralidade, ficção científica e fantasia em palestras, oficinas, rodas de conversa, *podcasts* e vídeos na plataforma YouTube. Com a filósofa e candomblecista Karolina Desireé ministra oficinas sobre afrofuturismo nas redes Sesc e Fábricas de Cultura da Grande São Paulo. Cofundador do site **O lado negro da força**, que promove e fomenta a presença negra na cultura *pop*. Candomblecista iniciado no Ilê Oba Àse Ogodo. Ator formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), estudou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade de São Paulo (USP).

ARTE AFROFUTURISTA NO BRASIL

GASTRONOMIA

Cozinha afetiva que resgata saberes ancestrais na concepção dos pratos culinários

Ewê Bistrô
(chef Leila "Negalaize" Lopes)



LITERATURA

Ficções futurísticas distópicas que misturam tecnologia e ancestralidade

O caçador cibernético da Rua Treze
(Fábio Kabral, 2017)



Brasil 2408 – duologia
(In)Verdades e (R)Evolução
(Lu Ain-Zaila, 2016-2017)



CINEMA

Filmes que expõem a condição da população negra no Brasil, desde o racismo estrutural à valorização cultural

Branco sai preto fica
(Adriley Queirós, 2014)



Bom dia, eternidade
(Rogério Moura, 2015)



Beatitude
(Délio Freire, 2015)



ARTES INTEGRADAS

Atuação em diferentes plataformas, da fotografia ao audiovisual, passando pelo empreendedorismo, moda e tecnologia

Afrobapfo



Senzala Hi-Tech



Mariwô



Das Pretas



MÚSICA

Com ritmos inebriantes e sons originais, a musicalidade é colocada como forma de (r)existir

Carlinhos Brown



Ellen Oléria



Rico Dalasam



Karol Conká



Xênia França



Jonathan Ferr



Caio Nunez



As Bahias e a Cozinha Mineira





- > **Processos criativos**
- > **Empreendedorismo**

A atividade foi pensada para poder ser realizada fora da sala de aula, se a escola estiver fechada por precaução quanto à Covid-19. Podem ser usados dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, como planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens, redes sociais, entre outros. As apresentações podem ser feitas por videoconferência e por meio do compartilhamento de arquivos.

1. Com base nas perspectivas de questionamentos raciais e sociais do afrofuturismo, reflita: quem é você no mundo?
2. Vamos criar uma história! Começemos pelo título: se a sua vida fosse uma história de ficção especulativa, qual título teria?
3. Escreva, em um parágrafo, a sinopse da sua história de ficção especulativa. Experimente algo “fora do padrão”, seja em um futuro ou no passado, ou em um mundo distópico, privilegiando uma narrativa em que saberes considerados “menores” e civilizações subjugadas historicamente sejam valorizados.
4. Com tudo que foi apresentado e com o que você aprendeu até aqui, crie uma obra que represente essa “realidade alternativa”. Pode ser um conto ficcional, uma pintura, uma música, uma escultura etc.

Na BNCC:

- EMIFCG06
- EMIFCG10
- EMIFLGG06
- EMIFLGG11
- EMIFLGG12

Conteúdos abordados:

- Afrofuturismo;
- Decolonização;
- Enfrentamento do racismo.



Com base nos textos aqui apresentados, é esperado que o aluno compreenda sobre o que trata o movimento afrofuturista para guiar a própria produção, que pode ser um conto escrito, um poema, uma música, uma pintura (ilustração), uma escultura etc.

Conforme posto no texto autoral da seção **Diálogo aberto**, uma obra afrofuturista precisa, necessariamente, ser produzida por autores negros e, portanto, para que o trabalho possa ser realizado também por alunos não negros, pode-se desenvolver a atividade inspirada na ideologia afrofuturista: a projeção de uma história em que todas as questões sociais (raça, gênero, classe), bem como ambientais estivessem resolvidas (sem opressões de humanos sobre humanos, ou de humanos sobre a natureza).

Essa representação pode contrapor as narrativas distópicas, pensando como poderia ser o papel do povo negro em uma sociedade em que as relações fossem equânimes, ou seja, um mundo em que estivessem igualmente inseridos, com poder de decisão na ciência, na religião, na política etc.

A arte e a vida: dinâmicas de representação

Neste ciclo de 2020, o **Articulação Itinerários LT** aborda temas que se relacionam às dinâmicas de representação que nos levam a crer que a arte imita a vida, e vice-versa, por meio do estudo de criações artísticas em seus contextos de produção e de como reverberaram na sociedade de então, analisando seu caráter transcendental e de vanguarda com base no que refletem: a essência humana.

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

JUNHO | 2020 EDIÇÃO Nº 6

LINGUAGENS

**Diretor de conteúdo e negócios**

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto

Cayube Galas

Gerente editorial

Júlio Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editores assistentes

Ana Araújo

Thiago Costa de Oliveira

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa de Iconografia

Equipe de Iconografia

Coordenadora de criação

Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:

p.1. Thais Silva. BLACKCOLLAGE © 2019; p.2. ImageFlow/Shutterstock.com; p.3. Artem Furman/Shutterstock.com;
p.5. Adam Jan Figel/Shutterstock.com, Tithi Luadthong/Shutterstock.com; p.6. Leni Sinclair/Getty Images;
p.7. studiostoks/Shutterstock.com; p.8. WAYHOME studio/Shutterstock.com; p.9. Liderina/Shutterstock.com;
p.10. adrigarzon/Shutterstock.com; p.11. adrigarzon/Shutterstock.com;
p.12. Supphachai Salaeman/Shutterstock.com, Editoria de Arte; p.13. Natasha_Mor/Shutterstock.com, Acervo pessoal;
p.14. Pakpoom Makpan/Shutterstock.com, Tex vector/Shutterstock.com, Editoria de Arte;
p.15. Abstract background/Shutterstock.com